

# O QUE CORREU MAL? DISCURSO SOBRE O FRACASSO DO MUNDO ÁRABE

Maria do Céu Pinto

BERNARD LEWIS  
**What Went Wrong?  
Western Impact and  
Middle East  
Response**

Oxford  
Oxford University Press  
2002, 208 páginas

**T**erminado antes dos acontecimentos de Setembro de 2001, e com um prefácio escrito em Outubro, já depois dos clamorosos acontecimentos, o livro *What Went Wrong? Western Impact and Middle Eastern Response*<sup>1</sup> parece ser uma resposta directa às inquietações suscitadas pelo terrorismo bárbaro do 11 de Setembro. Bernard Lewis alerta no prefácio para o facto do livro não incorporar uma reflexão sobre aqueles acontecimentos, mas «estar relacionado» com eles, por via do que «aconteceu antes» no mundo árabe, isto é, «a longa sequência e padrão de acontecimentos, ideias e atitudes que os precederam e, de certa forma, os produziram». Na realidade, trata-se de um tema longamente abordado pelo autor em obras anteriores, designadamente *The Muslim Discovery of Europe* (1985), *Islam and the West* (1994), *Cultures in Conflict: Christians, Muslims and Jews in the Age of Discovery* (1996), *The Crisis of Islam: Holy War and Unholy Terror* (2003).

Este último livro condensa uma vasta temática e a enorme sabedoria de um homem cuja obra é reveladora de uma vida de dedicação aos estudos islâmicos e do Médio Oriente, com mais de vinte livros publicados a título individual. De origem inglesa, Bernard Lewis está desde há muitos anos radicado nos EUA: é Pro-

fessor emérito de Estudos do Próximo Oriente no Institute for Advanced Study de Princeton e detentor da cátedra Cleveland E. Dodge. Por muitos considerado como o maior especialista ocidental do Médio Oriente, a sua obra tem, contudo, sido alvo de ataques, especialmente após a publicação do artigo «The Roots of Muslim Rage», em Setembro de 1990, na revista *The Atlantic Monthly*.

## **CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES, SIM**

As teses de Lewis antecipam a tese do «choque de civilizações» de Samuel Huntington, o distinto professor da Universidade de Harvard que previu que, na ordem internacional pós-Guerra Fria, os conflitos entre civilizações ocupariam um lugar central e que, neste sentido, o Islão e o Ocidente colidiriam em várias frentes<sup>2</sup>. Os acontecimentos do 11 de Setembro vieram confirmar, para muitos, que a animosidade do Islão contra o Ocidente é a demonstração do «confronto civilizacional» de que falava Huntington. Parece ser este, aliás, o ponto de vista de Bernard Lewis. No seu polémico artigo de 1990, o autor afirma que a actual animosidade entre as duas civilizações deriva do encontro dramático destes dois mundos e da mistura de humilhação, inveja e

receio sentido pelos muçulmanos em relação ao Ocidente. O movimento fundamentalista não seria assim um fenómeno circunstancial ou conjuntural, mas o resultado de um padrão histórico comprovado – «a reacção talvez irracional, mas seguramente histórica, de um antigo rival contra a nossa herança judaico-cristã, o nosso presente secular e a expansão mundial de ambos»<sup>3</sup>. Huntington avançou com uma posição similar ao afirmar que o confronto civilizacional deriva da incompatibilidade do Islão com axiomas fundamentais do pensamento ocidental, como a democracia e a modernidade<sup>4</sup>.

No âmbito da análise do Islão político, o pensamento de Lewis pode filiar-se na chamada escola confrontacionista. Esta corrente argumenta que o Islamismo é inerentemente hostil ao Ocidente e que se encontra em rota de colisão com este último. O Ocidente não poderá mitigar a animosidade do mundo islâmico preconizando ideais democráticos porque não existe convergência de valores entre as duas culturas. Numa perspectiva política, argumentam que, por pouco democráticos e repugnantes que sejam os actuais governos autocráticos árabes, a alternativa islâmica seria sempre pior. Na verdade, o mundo árabe não reúne ainda as condições imprescindíveis à implantação da democracia. Assim, os proponentes desta escola pronunciam-se contra a abertura demasiado rápida do sistema político aos partidos islâmicos, uma vez que estes, chegados ao poder, poriam em causa a democracia. Em conformidade com esta linha de pensamento, os islamitas são oportunistas cujo principal objectivo é explorar o sistema democrático para efeitos dos seus fins não democráticos<sup>5</sup>. As teorias de Huntington e de Lewis têm sido alvo de uma barragem de críticas por parte de intelectuais e especialistas da área que recusam teses que «põem o dedo na ferida»,

apontando os fracassos do mundo árabe e atribuindo-os às limitações da sua cultura e/ou religião. Como diz David Landes, da Universidade de Harvard, a área dos estudos do Médio Oriente «está pejada de opções ideológicas, discursos comprometidos e limitações impostas pelo politicamente correcto»<sup>6</sup>.

Após os atentados do 11 de Setembro, Martin Kramer, um especialista americano, fez uma crítica demolidora dos académicos da área de estudo do Médio Oriente e da sua incapacidade de anteverem as orientações perigosas do Islamismo. Acusa-os de «para polir a imagem do Islão contemporâneo, terem minimizado o crescimento do extremismo muçulmano, fazendo com que os americanos encarassem o fenómeno com complacência»<sup>7</sup>. Ao dar preferência a uma imagem benigna do Islamismo, esses académicos contribuíram para «anestesiarem a América para os perigos do Islão radical»<sup>8</sup>. Kramer diz ainda: «Durante anos a resposta dos académicos ao terrorismo foi o de agirem como porta-vozes das “queixas” que motivavam esse terrorismo. Para os professores, o terrorismo era uma espécie de protesto político – e uma vez que eles simpatizavam com as suas supostas motivações, cancelaram a palavra “terrorismo” do seu léxico»<sup>9</sup>.

Kramer aponta o caso do famoso especialista americano de origem palestiniana, recentemente falecido, Edward Said. Na última edição do seu livro *Covering Islam*, Said ridicularizou «especulações sobre a última conspiração para explodir prédios, sabotar aviões comerciais e envenenar a água potável». Para Said, essas histórias baseavam-se em «estereótipos altamente exagerados»<sup>10</sup>.

## **DECLÍNIO E ESTAGNAÇÃO DO MUNDO ÁRABE**

O livro de Bernard Lewis é uma reflexão sobre o declínio do mundo árabe. No espaço de alguns séculos, o mundo árabe perdeu a sua

posição de farol da civilização e de vanguarda do conhecimento, sendo gradualmente relegado para um estatuto de atraso e de estagnação: hoje, diz Lewis, este mundo «pobre, fraco e ignorante», é dominado por «tiránias decrépitas – modernas só nos seus aparelhos de repressão e terror»<sup>11</sup>. Na Idade Média, o Império Otomano constituía a maior potência militar à face da terra: os seus exércitos penetraram em África, chegaram à Índia e ameaçaram a Europa em diversas ocasiões. O mundo muçulmano liderou o conhecimento científico, enquanto a Europa se fechava no obscurantismo da Idade das Trevas. Herdeiros da filosofia e da ciência da Pérsia, Grécia e Índia, os árabes adaptaram, traduziram e inovaram em numerosas áreas das artes e ciências. Muito deste conhecimento foi transmitido ao Ocidente e estudantes ávidos de saber foram bebê-lo nos centros culturais do mundo muçulmano, como a Espanha e a Sicília. Os textos traduzidos do árabe, alguns dos quais adaptados de antigas fontes gregas, permitiram introduzir um sopro de novidade numa altura em que no Ocidente as inovações eram punidas como heresias.

Mas, a partir do fim da Idade Média, este estado de coisas inverteu-se radicalmente. Na Europa, o movimento científico deu passos de gigante com o Renascimento, as Descobertas, a revolução técnica e todo o cortejo de alterações – materiais, intelectuais e culturais – que esses movimentos geraram. No mundo árabe, pelo contrário, «a investigação independente chegou praticamente ao fim e a ciência foi, na sua maior parte, reduzida à veneração de um *corpus* de conhecimento sancionado»<sup>12</sup>.

O livro analisa também a emergência da rivalidade entre o Islão e o Ocidente, considerado terra de bárbaros durante o apogeu do Império Otomano. A luta entre estes dois rivais dura há catorze séculos. Nos primeiros mil anos, o

Islão esteve em plena expansão enquanto que o Ocidente batia em retirada. O Islão estendeu-se sobre os territórios dos antigos Império Romano e Persa, chegou até à Península Ibérica e cobriu o sudeste da Europa. No entanto, desde há trezentos anos que o processo aqui também se inverteu: desde o falhanço do segundo cerco de Viena, em 1683, e a emergência dos impérios coloniais europeus, que o Islão se encontra na defensiva e obrigado a aceitar valores impostos pelo Ocidente.

Lewis sublinha o «*blame game*», o jogo dos árabes de atirar continuamente a culpa pela decadência do mundo muçulmano para alguém, geralmente actores externos. A entrada do Ocidente no mundo árabe, a partir do século XIX, foi o maior desafio que alguma vez aquele enfrentou. Isto, apesar de ao longo da sua história o mundo árabe ter conhecido terríveis ameaças, como as invasões mongóis, a partir do século XIII, que deixaram à sua passagem um rasto de destruição e de morte. O desafio colocado pelo Ocidente era de natureza diferente dos anteriores e punha-se nestes termos: como resistir a uma civilização cuja superioridade não residia apenas na força dos seus exércitos, mas na sua superioridade material e cultural?

Na época contemporânea, as populações árabes e os islamitas têm assacado a responsabilidade pelos seus fracassos ao domínio colonial europeu e à presença americana na região após a II Guerra Mundial. Existe efectivamente no mundo árabe uma grande reserva de antipatia para com os europeus e, especialmente, os norte-americanos, como resultado das acções de ambos no Médio Oriente e Norte de África. A literatura e o discurso popular árabe estão saturados de imagens dos árabes como meros joguetes nas mãos dos Ocidentais: «Muitos no mundo árabe e islâmico encaram a história do Islão e o relacionamento com o

Ocidente como uma história de vitimização e opressão às mãos de uma potência imperial em expansão»<sup>13</sup>.

### **O JOGO DA VITIMIZAÇÃO**

Os muçulmanos tendem a ver-se a si próprios como as vítimas das circunstâncias históricas e forças conspirativas motivadas pelo ódio sectário. O processo de «vitimização» inicia-se com as Cruzadas, passa pela Reconquista, pela época dos imperialismos europeus no Médio Oriente, para se agravar nos nossos dias<sup>14</sup>. A animosidade contra o Ocidente data não apenas da memória distante das Cruzadas, mas principalmente do início do século XX. Foi a partir desta altura, através da imposição do domínio colonial e da presença imperial europeia, que a supremacia ocidental se tornou uma realidade presente no quotidiano dos muçulmanos. Os islamitas contemporâneos apontam a experiência colonial como a principal responsável pelo declínio das sociedades islâmicas. Aquela teve certamente um impacto profundo, tendo contribuído, em parte, para a marginalização do legado islâmico e pela adopção de códigos ocidentais. Os sistemas legais e educacionais foram os mais afectados pela renovação levada a cabo pelas potências colonizadoras.

No final da I Guerra Mundial, as potências europeias (França e Inglaterra) dividiram o Império Otomano em Mandatos que distribuíram entre si. Os Aliados não cumpriram as promessas feitas ao Xerife de Meca – a concessão da independência ao mundo árabe no final da guerra –, em troca da cooperação dos Árabes na luta contra o inimigo turco. Os islamitas guardam um velho ressentimento contra a Europa por os Mandatos terem dado lugar a Estados que fracturaram para sempre a *Umma* (Comunidade muçulmana), instalando a divisão e a discórdia entre os Muçulmanos. Para

eles, estes factos atentaram gravemente contra o ideal muçulmano de universalidade da *Umma* e explicam o seu presente estado de fraqueza e de divisão. A divisão do mundo islâmico em Estados individuais é vista pelos islamitas como um estratagema usado pelos poderes ocidentais com vista a controlar uma entidade política e cultural poderosa<sup>15</sup>.

Salman Rushdie diz que, após a derrota dos Taliban no Afeganistão, «os elementos do mundo árabe e islâmico que culpam a América pelo seu sentimento de impotência política se sentem mais impotentes do que nunca»<sup>16</sup>. Referindo-se à questão palestiniana como uma das causas do ressentimento antiocidental e antiamericano, Rushdie afirma que «mesmo que o conflito fosse resolvido amanhã, o antiamericanismo provavelmente não se desvaneceria. O antiamericanismo tornou-se uma desculpa para os numerosos defeitos das nações muçulmanas – a sua corrupção, a sua incompetência, a opressão dos seus cidadãos, a sua estagnação económica, científica e cultural. O ódio à América tornou-se um elemento de identidade, possibilitando uma retórica de “bater no peito” e de “queimar a bandeira” que faz os elementos masculinos sentirem-se melhor»<sup>17</sup>.

Lewis demonstra que a natureza e a história do Islão e a relação entre o Islão e o poder temporal, não fazem da democracia liberal e do Islão companheiros naturais. Ao longo da história, o Islão não reconheceu a existência, no plano legal, de figuras corporativas e de pessoas jurídicas, factos que são o próprio cerne das instituições representativas incorporadas no Direito Romano. A separação da religião e do Estado, penosamente conquistada no Ocidente, permitiu libertar as instituições seculares da tirania do religioso e desenvolver o espírito crítico em todas as áreas. O Estado Islâmico modelo era uma teocracia onde a

legitimidade conferida ao governante provinha directamente de Deus. Gozava, portanto, de uma autoridade que não poderia jamais ser desafiada uma vez que desafiá-lo correspondia a desafiar o próprio Deus. Assim, a autocracia tornou-se a regra e os dogmas transmitiram-se imutáveis ao longo dos tempos.

*What Went Wrong?* é uma obra de notável erudição. Essa erudição está patente no consumado poder de síntese e na escrita fluida, elegante e, por vezes, poética do autor. Mais do que uma obra sistemática, aquilo que os seus capítulos nos apresentam é um mosaico de reflexões

sobre a história do mundo árabe<sup>18</sup>. Para dizer o que correu mal no Médio Oriente e entre este e o Ocidente, muito mais haveria a dizer: Lewis peca, em alguns trechos, pela excessiva generalização e até por certa falta de aprofundamento num tema que é ingrato pela sua enorme complexidade. O assunto é obviamente aliciante, mas constitui um tremendo desafio porque requer uma sabedoria e uma visão geral da história de que poucos especialistas se poderão gabar. Apesar disso, talvez nenhum outro o pudesse enfrentar com a mestria e a fluidez de Bernard Lewis. **Rf**

## NOTAS

**1** Edição portuguesa: *O Médio Oriente e o Ocidente. O que correu mal?*, Lisboa, Gradiva, 2003, 198 p.

**2** Samuel Huntington, «The Clash of Civilizations», *Foreign Affairs*, vol. 72, n.º 3, Verão de 1993, pp. 22-49 [ed. portuguesa: *O Choque das Civilizações. O debate sobre a tese de Samuel P. Huntington*, Lisboa, Gradiva, 1999].

**3** «The Roots of Muslim Rage», *The Atlantic Monthly*, vol. 266, n.º 3, Setembro de 1990.

**4** Huntington, *op. cit.*

**5** B. Lewis, «Islam and Liberal Democracy», *The Atlantic Monthly*, vol. 269, n.º 2, Fevereiro de 1993, p. 91.

**6** Ver resensão do livro em <http://www.bevsbest.com/Authors-Books-3/Bernard-Lewis/What-Went-Wrong-by-Bernard-Lewis.htm>.

**7** M. Kramer, «Terrorism? What Terrorism?!», artigo do *The Wall Street Journal*, 15 de Novembro de 2001 [<http://www.washingtoninstitute.org/media/kramer-terrorism.htm>].

**8** *Ibid.*

**9** *Ibid.* Ver também a introdução a *Ivory Towers on Sand: The Failure of Middle Eastern Studies in America*, Nova York, Washington Institute for Middle East Policy, 2001.

**10** *Ibid.*

**11** Lewis, *What Went Wrong?*, p. 151.

**12** *Ibid.*, p. 79.

**13** J. Esposito, *The Islamic Threat: Myth or Reality?*, Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 171.

**14** Ver Yvonne Haddad, «The Dynamics of Islamic Identity in North America»,

in Y. Haddad e J. Esposito (eds.), *Muslims on the Americanization Path?*, 2.ª ed., Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 26-27.

**15** Maha Azzam, «Islamist Attitudes to the Current World Order», *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 4, n.º 2, Dezembro de 1993, p. 248.

**16** «America and Anti-Americans», *The New York Times*, 4 de Fevereiro de 2002, p. 1.

**17** *Idem*, p. 2.

**18** Ver também, Bernard Lewis, *A Middle East Mosaic: Fragments of Life, Letters, and History*, Nova York, Modern Library, 2001.